

A RETOMADA XOKÓ: TERRITÓRIO E RENASCIMENTO CULTURAL DE UM POVO

Ianara Apolonio Rosa Lima (UFS/Sergipe)

RESUMO:

A presente proposta será desenvolvida na aldeia indígena Xokó, situada na Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha no Estado de Sergipe. Tem como objetivo apresentar as retomadas da Caiçara e ilha de São Pedro, realizadas entre as décadas de 1970 e 1980, como parte fundamental do processo contemporâneo de renascimento cultural dos índios Xokó, implicando em retomadas da língua, de costumes, hábitos e de elementos da organização social, a retomada territorial passa a ser um fator fundamental que marcou a vida dos Xokó e determinou o futuro dos “caboclos da Caiçara”, que a partir de então se identificariam como índios. Retomar para os Xokó é pegar algo que lhes fora roubado, é tomar para si aquilo que por direito lhes pertence e lhes fora negado.¹ Mas também é categoria nativa que articula, direitos, mobilização coletiva, história, ritual e cultura (ANDRADE, 2019) e dessa forma apresentaremos os processos de retomada territorial - momento que é caracterizado pela reconquista das terras da Caiçara e ilha de São Pedro – e retomada cultural, quando os “caboclos da Caiçara” passam a se identificar como índios Xokó, resgatam suas tradições, passam a praticar o toré - então proibido pelos proprietários da terra - e resgatam o Ouricuri, que também era uma prática proibida. São essas reconquistas, na forma de retomadas, que determinaram o renascer cultural dos índios Xokó.

Palavras-chave: Retomada. Renascimento cultural. Povo Xokó

¹ Segundo Daniela Alarcon, “as retomadas consistem em processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas e que se encontravam em posse de não-índios”. (ALARCON, 2013, p. 23).

RETOMADA TERRITORIAL XOKÓ

A presente proposta de pesquisa trata-se de uma análise dos processos de retomada territorial e de renascimento cultural entre os Xokó de Sergipe. Localizados no município de Porto da Folha (SE). O território indígena é composto por duas áreas: a ilha de São Pedro (96,75 ha), onde reside a maioria dos Xokó, e a Caiçara (4.316,7768 ha), parte continental anexada posteriormente à Terra Indígena, onde ficam as roças e onde se realiza o ritual sagrado do Ouricuri.

A missão da ilha de São Pedro se inicia através da atuação dos jesuítas, dos capuchinhos franceses e posteriormente dos capuchinhos italianos. Ao que indica o primeiro missionário a se estabelecer no local, em 1672, foi Frei Anastácio de Audierne (DANTAS, 1980), atuando na região é provável que tenha missionado entre os Ciocó e Karapotó, que mais tarde formariam a missão de Pacatuba (DANTAS, 1980).

Com a morte do frei Doroteu de Loretto, último capuchinho da missão de São Pedro do Porto da Folha, os processos de dispersão local nas terras da missão se intensificam, muitos correm para a região da Caiçara e Mocambo, outros para Porto da Folha (FIGUEIREDO, 1981:90). E os que permaneceram na ilha, renegaram sua ascendência indígena, deixando de falar sua língua, nem falavam sobre o passado aos filhos, por receio de represália. “Maria José (antiga cantadora ritual) nunca cantava em frente a seus parentes. Todos têm consciência que seus antepassados nasceram, se criaram e morreram nesta localidade” (MELLATI, 1979).

Falar o termo índio é proibido entre a população Caiçareira, como mencionado por Mellati, não podia mencionar o vínculo que os caboclos da caiçara tinham com os índios, com isso, passam séculos vestidos na roupagem de caboclos, condição para permanecerem nas terras. Segundo relatos colhidos nas minhas primeiras entrevistas, alguns moradores sabiam do vínculo com a ancestralidade nativa, no entanto não podiam falar para seus familiares nem compartilhar desse conhecimento. “Os indígenas no mundo contemporâneo vivem às margens do silenciamento, da negação identitária e da invisibilidade, quando deveria ser o contrário, principalmente no território brasileiro. Por serem povos originários, os indígenas deveriam ser reconhecidos não só como os donos

legítimos da terra, mas também como seres humanos dignos da terra, da dignidade do sustento, tendo as suas visões de mundo, seus costumes e valores tradicionais respeitados, amparados e salvaguardados não só pelo Estado Brasileiro, mas do mesmo modo, pela sociedade que compõe esse mesmo estado e ainda pelos indivíduos, independentemente dos seus valores identitários”. (Queiroz, 2020)

Os índios Xokó de Sergipe traçam sua história por meio de longos processos de idas e vindas dentro de seu território. Oscilando entre o índio e o mestiço, a mestiçagem fora uma forma de justificar a expropriação dos territórios por parte da elite agrária. À medida que os Xokó são identificados como mestiços e caboclos perdem seu território e, dessa forma, os índios passam por outro processo, agora o de expropriação cultural. Assim, pretendemos abordar o retornar Xokó ao seu território e às suas raízes, conforme eles próprios concebem, uma vez que:

A identidade Xokó não se limita à participação na retomada, mas foi um momento pelo qual eles iniciaram essa “redescoberta” do passado enquanto parte de um processo de construção dessa identidade em outro momento, o que nos leva a pensar sobre aspectos essencialistas envolvidos na construção de uma identidade. (SOUZA, 2016, p. 58).

Com a retomada territorial concretizada nos finais dos 70, quando os mesmos conseguem a posse legítima da Ilha de São Pedro, marca a primeira conquista dos índios Xokó, retomando a ilha eles se voltam para a retomada da caiçara, os índios Xokó de Sergipe passam por um lento processo de reconquista e adaptação da cultura indígena, começam assim a resgatar o toré e seus rituais que foram reprimidos no passado. Os processos de retomadas são histórias que os índios do nordeste compartilham em linhas comuns, em sua grande maioria esses povos enfrentaram lutas sangrentas com fazendeiros para retomarem seu território e conseqüentemente suas culturas. Conforme observa João Pacheco de Oliveira:

O destino dos povos e culturas indígenas, tal como o de qualquer grupo étnico ou mesmo nação, não está escrito previamente em algum lugar. A sua tendência à extinção não foi jamais um

processo natural, mas apenas o resultado da compulsão das elites coloniais em instituir a homogeneidade de apagando ou abolindo as diferenças. Buscando excluir a ferro e a fogo toda e qualquer outra alternativa, a integração era descrita como se fosse uma fatalidade, ou até mesmo a única salvação possível, para a qual os próprios índios deveriam canalizar suas forças e esperanças. (OLIVEIRA, 1995, p. 80).

Os processos de retomada Xokó marcam o recobrar de sua consciência e o despertar de sua essência. À medida que se reconhecem como índios, os Xokó tomam para si uma luta de seus antepassados e levantam uma questão morta no estado de Sergipe: a invisibilização dos “índios remanescentes” que, não tendo sucumbido como coletivos específicos, permaneceram como caboclos em seus antigos territórios, agora expropriados, mantendo o forte desejo de retornarem às suas origens indígenas.

Segundo o antropólogo Hohenthal Jr., os povos indígenas estabelecidos no Nordeste, mesmo submetidos à mistura interracial contínua e de longa duração, apresentavam uma surpreendente persistência das tradições graças ao “conservantismo e inércia cultural”, o que lhes teria permitido reconstruir, em parte, as culturas locais (HOHENTHAL JUNIOR, 1960, p. 76). João Pacheco de Oliveira destaca:

No Nordeste, contudo, os “índios” eram sertanejos pobres sem acesso à terra, bem como desprovidos de forte constratividade cultural. Em uma área de colonização antiga, com as formas econômicas e a malha fundiária definida há mais de dois séculos, o órgão indigenista atuava apenas de maneira esporádica, respondendo tão-somente às demandas mais incisivas que recebia. Mesmo nessas poucas e pontuais intervenções, o órgão indigenista tinha de justificar para si mesmo e para os poderes estaduais que o objeto de sua atuação era efetivamente composto por “índios” e não por meros “remanescentes”. (OLIVEIRA, 2004, p. 20).

Os caboclos da Caiçara viviam trabalhando nas terras que, ao decorrer dos anos, passaram para as mãos do fazendeiro João Porfírio de Brito, em um regime próximo à servidão que sustentou o feudalismo

no período medieval. Partindo dessa análise, com a retomada do antigo território colonial no final dos anos de 1970 foi possível, para os indígenas, voltar à prática do ritual e, até mesmo, à escolha das lideranças (cacique e pajé).

RENASCIMENTO CULTURAL: O Dia 03 De Maio

O dia 3 de maio é feriado na aldeia Xokó. Nesse dia, no ano de 2003 foi revelado o primeiro cacique da natureza, antes os processos que levavam um indivíduo a se tornar cacique era por meio de eleições abertas, onde o mais votado era nomeado cacique da aldeia por determinado tempo. Esses processos eleitorais estavam muito desgastados, pois já estava causando certas desavenças entre os índios. Sobre o dia 3 de maio, Danielly relata os acontecimentos daquele dia, dia esse que é pensado como um marco histórico do renascimento da cultura. No olhar de Dany Xokó:

“A revelação do Cacique Bá e a Renovação Espiritual do Povo Xokó aconteceu numa manhã de sábado, no dia 03 de maio de 2003. Mesmo sem imaginar o que iria acontecer, já estávamos sendo avisados que algo estava para acontecer. E sem explicação todos resolveram a ir para o Ouricuri, naquela manhã, coisa que não era de costume, já que o horário de ida era sempre a noite. Uns foram na frente, entre eles o Cacique Bá, e os demais chegaram depois e perceberam que o Ouricuri estava diferente. O Cacique Bá já tinha recebido um "banho espiritual", por meio da presença dos pássaros, os gaviões. Mas nada ainda havia sido revelado, somente quando todos chegaram aconteceu a Revelação, lá na casa do Pajé Raimundo, Bá estava ao centro, deitado na rede, cheio da força espiritual e todos a sua volta, houve um grande relato sobre a história do Povo Xokó, a história da vida do Cacique Bá e então, a Natureza revelou que a partir daquele momento, Bá seria o nosso Cacique e diante disso todo o Ouricuri foi tomado pela Presença do Espírito Divino, uma força sobrenatural que desceu até a aldeia. Para nós este fato nos trouxe grandes conquistas!! Passamos a ter mais inspirações para produzir nossos artesanatos, para compor nossos cantos, enfim para nós organizar e viver como Povo Indígena”. (Daniely Xokó).

Se as retomadas trouxeram território e identidade indígena aos Xokó, o 3 de maio trouxe a essência de índio. A comunidade passa a olhar para seus hábitos com outro olhar, passa a ter uma relação íntima com a natureza e passa a acreditar nos encantados. Após a “revelação do cacique Bá pela Natureza” os Xokó:

[...] aprenderam a rezar como índio, a falar com as árvores, a sentir o vento e ouvir uma resposta, a ver o sol brilhar e sentir seu calor como se fosse Deus nos tocando. Hoje ouvimos um pássaro cantar e já levamos como um bom conselho, por isso que o cacique Bá fez reviver nossa cultura e o nosso espírito indígena que estava adormecido. (Fala de Simone Apolônio Rosa Santos Xokó).

A religiosidade Xokó sempre foi muito atrelada aos preceitos religiosos cristãos, mesmo com a revelação do cacique Bá, essa crença ao sagrado católico, o apego as imagens sacras a exemplo de São Pedro, o qual o sucesso nas retomadas é atribuído aos milagres do apóstolo e padroeiro dos Xokó, continuam vivas no imaginário desse povo. Sendo assim, mesmo se voltando para as práticas tradicionais os índios Xokó estão intimamente ligados aos ritos da religião católica, inclusive no Ouricuri.

Por fim, *retomada* para os Xokó articula - em uma visão indígena - história, ritual, cultura e mobilização coletiva. Por ser um momento vital na trajetória recente desse povo, todo dia 09/09 há uma grande festa tradicional na aldeia Xokó: comemoram-se nessa data sua liberdade, independência e vitória. Esse dia é comemorado como sendo o grande dia de emancipação, onde os índios retomaram parte de seu território, reconquistaram sua identidade e foram reconhecidos como coletividade e como os remanescentes indígenas de Sergipe. Essa comemoração é a maior festividade dentro da Terra Indígena Xokó.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será desenvolvida na comunidade indígena Xokó, localizada no município de Porto da Folha/SE, em uma faixa de terra que fora a antiga Missão de São Pedro de Porto da Folha, missão essa liderada pelos capuchinhos e situada à margem direita do baixo Rio São Francisco.

Pretendo realizar um estudo qualitativo de cunho bibliográfico a fim de compreender os processos de emancipação do povo Xokó, assim como a retomada de seu território e a luta pelo regaste de sua identidade e cultura indígenas. Dessa forma, encontramos nessas fontes os requisitos fundantes de tal pesquisa.

Quanto aos procedimentos metodológicos serão utilizados estudos bibliográficos e pesquisa de campo, envolvendo os seguintes procedimentos:

1. Entrevistas semiestruturadas;
2. Registros fotográficos;
3. Observação direta de situações cotidianas;
4. Observação direta do preparo e realização da peça sobre a retomada territorial Xokó, além de realização de entrevistas com o seu diretor, Anísio Apolônio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCON, Daniela. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serrado Padeiro, sul da Bahia*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas/UNB, Brasília, 2013, 343 pp.

ANDRADE, Ugo Maia. *O que podem nos dizer as retomadas indígenas?*. Comunicação apresentada na Mesa Redonda “Etnologia dos povos indígenas do nordeste”, 6^a REA, Salvador, dig., 2019, 15 pp.

ARRUTI, José Maurício A. “Agenciamentos políticos da “Mistura”: identificação étnica segmentação negro-indígena entre os Pankararú e os Xocó”. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 23, nº 2, 2001, pp. 215-254.

DANTAS, Beatriz Góis. *Xokó Grupo Indígena de Sergipe*. Aracaju: Gráfica Opção, 1997.

- DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. *Terra dos índios Xokó: estudos e documentos*. São Paulo: Parma, 1980.
- FIGUEIREDO, A. Os enforcados: o índio em Sergipe. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1981.
- HOHENTHAL Jr., W. D. “As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco” In: *Revista do Museu Paulista*, N.S., XII, 1960, pp. 37-71.
- LARA, Amiel Ernenek M. “*Estar na Cultura*”: os Tupinambá de Olivença e o desafio de uma definição de indianidade no sul da Bahia. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UNICAMP, 2012, 156 pp.
- MONTEIRO, Eliana de Barros. “*Eu já vi água ir embora (...) com natureza não se mexe, (...) eu já vi água ir embora*”. Dissertação de mestrado em antropologia. PPGA-UNICAMP, 2008, 203 pp.
- MELATTI, Delvair M. 1979. Relatório de viagem aos Xokó da ilha de São Pedro. Brasília: FUNAI / DCPC / DMM / dcs / 07 de novembro (Processo MINTER/10293/79), 205f.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. “*O nosso governo*”: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero ; Brasília: CNPq, 1988.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. “Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito”. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.) *A temática indígena na escola*. São Paulo: Global, 1995, pp. 61-81.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “Uma etnologia dos ‘índios misturados’?: Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: João Pacheco de Oliveira (org.) *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999a, pp. 11-39.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio de antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999b.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena*. João Pacheco Oliveira (org). Rio de Janeiro: Contra Capa/LACED, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O índio e o mundo dos brancos*. Brasília: Editora da UNB, 1981.

Queiroz, Angelita A festa da retomada: uma celebração identitária de ser Xokó na Ilha de São Pedro – Porto da Folha/SE / Angelita Queiroz ; orientador Fernando José Ferreira Aguiar. – São Cristóvão, SE, 2020. 209 f. : il.

SOUZA, Jucimara Araújo Cavalcante. “*Nascer como uma algaroba e crescer como um juazeiro*” - organização social e práticas rituais entre os Xokó da ilha de São Pedro. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UFS, São Cristóvão, 2016, 114 pp.

SOUZA, Natelson Oliveira de. *A herança do mundo: história, etnicidade e conectividade entre jovens Xokó*. Dissertação de mestrado em antropologia, PPGA-UFBA, Salvador, 2011, 150 pp.